

## Jogo dos Sete Erros

Pedro Tomé

“Erre à vontade”,  
batizaram-me.

A cada passo me bifurco.  
Num jogo de força,  
busco o termo e me arrisco ao erro,  
ao ermo.

Tremores sísmicos  
despertam uma cisma renitente.  
Late, late, late o cão confuso.  
E a porta que não para no batente.  
A cada passo me induzo  
ao erro. Cadafalso.

Mas há um cabedal  
que se ganha no erro, no ato.  
A cada passo me dilato.

Uma cadeira de balanço  
soluça e range meio cadavérica,  
subindo e descendo,  
movimento manso.  
Numa sacada, em qualquer canto da América.  
“O seguro morreu de velho”, dizem,  
e a expectativa de vida nunca erra.

Mas agora a cadeira está vazia  
e – veja só! - o movimento  
está nos pés de um ser errante.  
Quixote atrás de cata-vento  
ou cão seguindo um rastro de pólvora -  
latitude de lugar nenhum,  
longitude cento e oitenta e um.

É hora de amarrar o cadarço,  
a força se aperta e eu me bifurco.  
Longitudes, latitudes, cão –  
é uma convulsão centrífuga  
que me vem ao tímpano  
no miolo da noite e berra:  
“Erra! Erra! Erra!”

